

SOBRE O EFEITO DOS FATORES ESTRUTURAIS NA GENERALIZAÇÃO DE RESULTADOS: a elevação da vogal postônica em dados do Varsul

*THE EFFECT OF STRUCTURAL FACTORS ON GENERALIZATION OF RESULTS:
the raising of postonic vowels in Varsul data*

Cláudia Regina Brescancini
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir questões referentes ao efeito dos métodos de descrição de regra variável sobre os resultados obtidos. Para tanto, são analisados procedimentos metodológicos – constituição da amostra e estratégias analíticas – adotados em cinco estudos realizados sobre a elevação da vogal postônica final e não-final em dados do Varsul, a saber, Schmitt (1987), Vieira (1994), Roveda (1998), Carniato (2000) e Vieira (2002). A discussão é norteada pelos conceitos de regularidade e intersubjetividade, fundamentais, de acordo com Bailey e Tillery (2004), para a certificação da generalização de resultados.

Palavras-chave: Metodologia variacionista. Vogal postônica. Varsul.

Abstract:

This study aims at discussing questions concerning the effect of methods on the variable rule description. Methodological issues - sampling procedures and analytical strategies - adopted in five studies about final and non final postonic vowel raising (Schmitt, 1987; Vieira, 1994; Roveda, 1998; Carniato, 2000 and Vieira, 2002) are considered and analysed. The discussion is guided by the concepts of regularity and intersubjectivity, fundamental to the generalization of results, according to Bailey and Tillery (2004).

Key words: Varsul. Postonic vowel. Variacionist methodology.

1 INTRODUÇÃO

Preocupada em dar conta da variabilidade linguística, a Sociolinguística Variacionista é responsável pela introdução no campo de estudos da linguagem de uma série de considerações em relação às estratégias de descrição e análise dos fatores condicionadores que compõem as chamadas *regras variáveis*. Tais estratégias, fundamentais como elementos componentes dos procedimentos metodológicos que se tornaram característicos do modelo, possibilitaram, ao longo dos mais de trinta anos de tradição acadêmica do modelo, o conhecimento a respeito do comportamento de diversos fenômenos variáveis nas línguas por meio de extensa produção científica. As descrições de regra variável realizadas a partir de amostras específicas conduziu inevitavelmente para a percepção de que os resultados obtidos sobre processos variáveis em amostras específicas deveriam ser validados para populações maiores.

Assumir, portanto, a produção de resultados que possam ser generalizados para grupos maiores de falantes como um dos objetivos principais da Sociolinguística Variacionista, no atual estágio de produção e desenvolvimento do modelo, implica necessariamente o

exame cuidadoso do efeito dos métodos adotados nos estudos sobre os resultados obtidos. Com base em tal raciocínio, Bailey e Tillery (2004) defendem que a possibilidade de generalização implica tanto a chamada *regularidade*, ou seja, que os mesmos resultados possam ser obtidos em observações repetidas do mesmo fenômeno, quanto a *intersubjetividade*, ou seja, que dois diferentes pesquisadores, observando o mesmo fenômeno, obtenham os mesmos resultados.

Propõem, ainda, os autores que a busca pela possibilidade de obtenção de resultados generalizáveis deve ater-se basicamente (i) ao exame da origem dos dados considerados em diferentes pesquisas sobre o mesmo fenômeno; (ii) à constituição das amostras e (iii) às diferenças nas estratégias analíticas adotadas pelos pesquisadores. É, pois, a partir dessa análise de procedimentos metodológicos, adotados por diferentes trabalhos realizados sobre um mesmo fenômeno variável, que se poderá afirmar se a existência de condicionadores diferentes para uma mesma regra expressa o fato de que as variedades consideradas são realmente diferentes ou se a existência de condicionadores distintos para uma mesma regra é apenas consequência de um problema de intersubjetividade ou de regularidade.

Norteados por tal proposta, este estudo constitui um exercício de observação e análise dos condicionamentos linguísticos referentes à regra de elevação da postônica no Rio Grande do Sul, considerando-se estudos realizados nos últimos anos a partir de amostras do banco de dados Varsul (Variação Linguística Urbana do Sul do Brasil).

Na seção que se segue, as questões referentes à *regularidade* e à *intersubjetividade* serão consideradas na comparação de resultados e procedimentos de análise adotados por cinco pesquisas científicas realizadas sobre o processo variável em questão.

2 A REGRA DE ELEVAÇÃO DA POSTÔNICA NO RIO GRANDE DO SUL: GENERALIZAÇÃO POSSÍVEL?

Os estudos sobre a regra variável de elevação da postônica no Rio Grande do Sul em dados do Varsul neste estudo são expostos no Quadro 1 a seguir.

QUADRO 1. Estudos realizados com dados do Varsul (amostras Rio Grande do Sul) sobre a elevação da vogal postônica

AUTOR	ANO
Schmitt	1987
Vieira	1994
Roveda	1998
Carniato	2000
Vieira	2002

Conforme o exposto na seção anterior, como primeiro passo para o estabelecimento de uma comparação entre os resultados obtidos, é necessário que os trabalhos sobre o tema sejam agrupados de acordo com o critério referente à constituição da amostra. Com base no Quadro 2 a seguir, podemos afirmar que Schmitt (1987) (doravante P1) e Vieira (1994) (doravante P2) constituem exemplos claros de trabalhos que apresentam resultados generalizáveis, principalmente pela avaliação do critério referente à

intersubjetividade. Assim, com respeito à constituição da amostra, observa-se que os dados têm a mesma origem, são oriundos de uma coleta do final da década de 70, realizada com base no método de entrevista de experiência pessoal, iniciada por questões dirigidas. São as mesmas as comunidades consideradas – Veranópolis (VER), de colonização alemã; Taquara (TAQ), de colonização italiana; Santana do Livramento (LIV), fronteira. Apenas Porto Alegre (POA), luso-brasileira, é considerada na P2 e não na P1. Os informantes, de ambos os sexos, têm entre 25 e 55 anos e possuem nível primário incompleto.

QUADRO 2. Características das amostras P1 e P2

<i>Autor/ Ano</i>	<i>Cidades</i>	<i>Total de Inf. e Total de Dados</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Etnia</i>
P1 Schmitt (1987)	VER - 4 TAQ - 4 LIV - 4	12 inf. /o/ 7.280 /e/ 4.407	25-55 anos	Nível primário incompleto	Masc. Fem.	alemães italianos fronteir.
P2 Vieira (1994)	VER - 7 TAQ - 7 LIV - 7 POA - 7	28 inf. /o/ 7.131 /e/ 5.487	25-55 anos	Nível primário incompleto	Masc. Fem.	metropol. alemães italianos fronteir.

A única diferença entre os trabalhos está na quantidade de informantes, 12 para P1 e 28 para P2, o que acaba por não interferir na quantidade total de ocorrências: para a vogal /o/, 7.280 em P1 e 7.131 em P2, e, para a vogal /e/, 4.407 para P1 e 5.487 para P2.

A possível explicação para esse fato surge quando analisamos as estratégias analíticas adotadas pelos pesquisadores nos referidos trabalhos, o terceiro passo desta análise. Consideramos, nesse caso, a forma como as ocorrências foram levantadas, a composição da variável dependente, a constituição das variáveis independentes e a condução da análise das variáveis, que envolve, em termos práticos, a adoção ou não de procedimento de reunião de fatores de uma mesma variável, os amálgamas.

Com relação à organização dos dados, não se observa diferenças entre P1 e P2. Os dados de postônica final e não-final são tratados conjuntamente, com arquivos diferentes para vogal /e/ e para vogal /o/. No entanto, o mesmo não se aplica para o elenco das variáveis estruturais, conforme se verifica no Quadro 3 a seguir. P1 considera em comum com P2 apenas as variáveis *Contexto Precedente*, *Contexto Seguinte*, *Classe Morfossintática* e *Contexto Vocálico*.

QUADRO 3. Elevação da postônica e variáveis independentes linguísticas consideradas em P1 e em P2

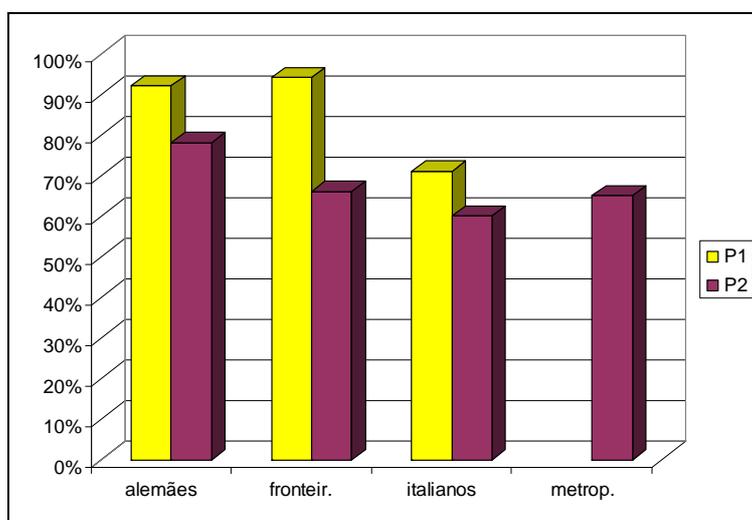
	Acento	Cont. Preced.	Cont. Seguinte	Juntura	Classe Morfol.	Posição no Sint. Frasal	Cont. Vocal.	Tipo de Sílaba	Posição na Sílaba
P1									
P2									

Mesmo não sendo a seleção estatística de variáveis a mesma para as duas pesquisas, já que, para P2, não se mostram estatisticamente relevantes *Contexto Seguinte* e *Classe*

Morfossintática, o resultado comum entre os dois trabalhos aponta a importância da região, ou indiretamente da etnia, para a análise dos condicionamentos estruturais. É a diferença entre regiões a responsável pela determinação de duas pautas vocálicas em posição postônica, a da metrópole, com três vogais (/i/, /u/ e /a/), e a das demais regiões, com cinco vogais (/i/, /e/, /u/, /o/ e /a/).

Os resultados comparáveis dos trabalhos para a vogal /o/, expostos no Gráfico 1 a seguir, indicam que tanto P1 quanto P2 apontam o grupo dos italianos como os que menos aplicam a elevação. Há, no entanto, em P1, maior proximidade na produção da elevação entre fronteiriços e alemães (94% e 92%) do que se observa em P2 (78% e 66%).

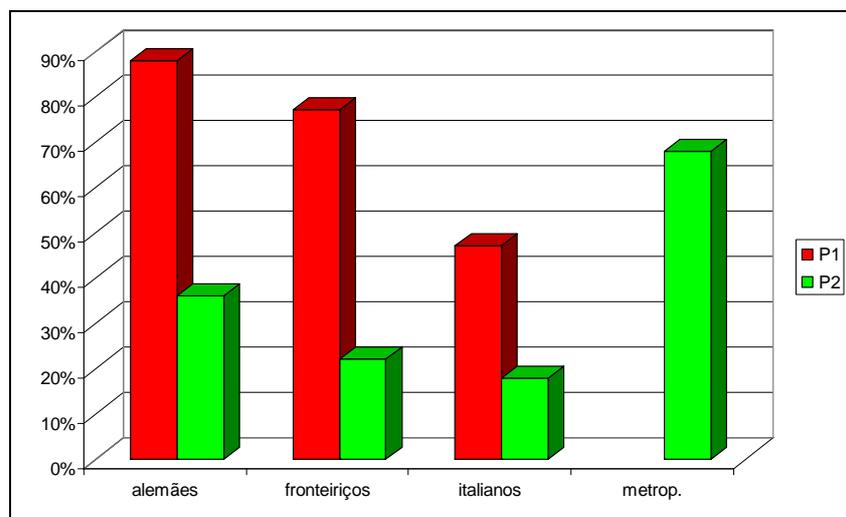
GRÁFICO 1. Elevação da postônica em P1 e P2: vogal /o/



Para /e/, pode-se observar no Gráfico 2 a seguir que, embora as porcentagens de aplicação entre os grupos dos dois estudos sejam comparativamente mais baixas em P2, mantêm-se como resultado geral alemães e fronteiriços como os que mais alçam a vogal, e italianos como os que menos alçam, embora a diferença entre fronteiriços e italianos em P2 seja bastante pequena (22% para fronteiriços e 18% para italianos).

Propomos que tal fato possa ser explicado pelo mesmo procedimento que resultou na já mencionada semelhança entre o total de dados das duas pesquisas, apesar do maior número de informantes em P2, a saber, o procedimento referente ao levantamento de ocorrências. As 28 entrevistas do *corpus* de P2, em comparação às 12 de P1, permitiriam a seleção de um número total de ocorrências bastante superior ao obtido em P2. No entanto, segundo a autora, em P2 são consideradas como ocorrências apenas as produções em que é possível perceber com clareza a vogal que está sendo realizada. Em função da qualidade da gravação e, muitas vezes, em função de interferências sonoras no local onde se realizou a gravação, não foi possível selecionar com segurança um *corpus* maior do que o coletado.

GRÁFICO 2. Elevação da postônica em P1 e P2: vogal /e/



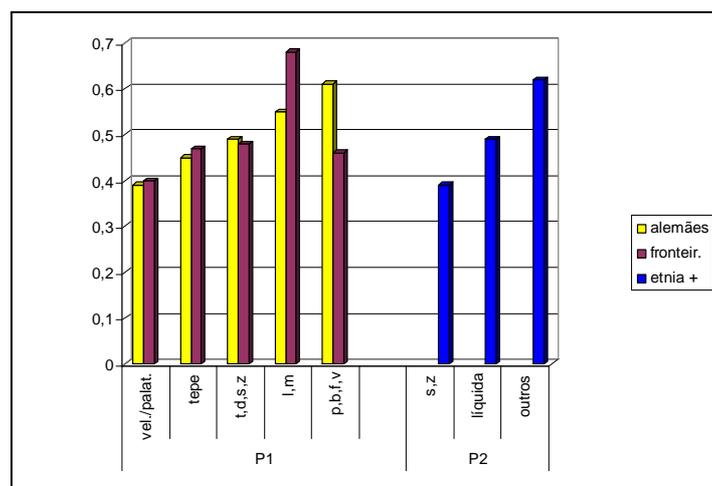
Embora o exame da origem dos dados, da constituição da amostra e dos resultados gerais com relação aos dois trabalhos não indiquem problemas de *intersubjetividade*, a diferente composição de algumas das variáveis comuns às duas pesquisas, aliada à interação com as outras variáveis do trabalho durante o processamento estatístico, podem levar a resultados conflitantes.

Nesse sentido, observa-se que, em P2, a presença de vogal alta na palavra, como se observa em *time* e *luto*, apresenta-se como um contexto claramente indutor à elevação, mas em P1 a variável que contém o fator não é selecionada. *Classe de Palavra* e *Contexto Seguinte* são selecionadas apenas em P1, mas não em P2, o que pode ser explicado pela própria composição diferenciada das variáveis nos dois trabalhos. Em *Classe de Palavras* em P1, os nomes são divididos em várias categorias de acordo com a presença ou ausência de vogal temática; já em P2 os verbos são privilegiados na composição da variável por uma subdivisão de acordo com a conjugação e a flexão.

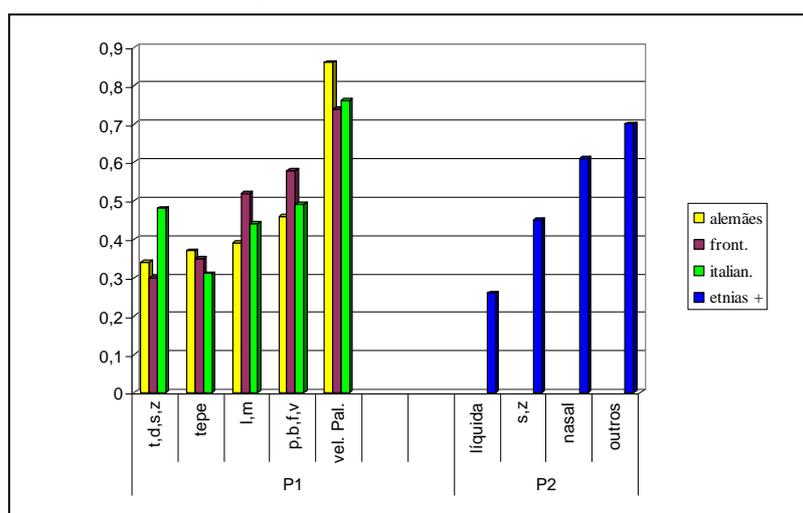
Com relação ao contexto seguinte à vogal candidata ao alçamento, observa-se que, enquanto em P1 as consoantes obstruintes são separadas por ponto de articulação, o tepe é separado das soantes, e todos os outros segmentos compõem o fator *outros*; em P2, as sibilantes são separadas do grupo das obstruintes; nasais e vogais constituem fatores distintos do grupo *soantes*, e os róticos reúnem-se em um único fator.

A composição dos fatores da variável também parece dificultar a generalização dos resultados obtidos em P1 e P2 para a variável *Contexto Precedente*. Como indica o Gráfico 3 a seguir, enquanto, em P2, a constituição de fatores que abarcam grande número de segmentos indica claramente o baixo favorecimento de /s,z/ e a neutralidade da líquida para o alçamento de /o/ na amostra que reúne todas as etnias¹, em P1 o amálgama de /s,z/ a /t,d/ torna o contexto neutro para alemães e fronteiriços, mas com um papel relativamente mais significativo do que o observado para obstruintes velares e palatais, as quais, em P2, estão embutidas no fator *outros*, o mais favorecedor.

¹ A legenda *etnia +*, indicada no Gráfico 3, indica que, em P2, as ocorrências por etnia foram computadas conjuntamente para a variável *Contexto Precedente*.

GRÁFICO 3. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* em P1 e P2: vogal /o/

Com relação à vogal /e/, o Gráfico 4 a seguir indica que a pouca expressão de /s,z/ para a elevação, indicada em P2 para todas as etnias em conjunto, também é observada em P1, especialmente para as sibilantes, apesar de o resultado nesse caso expressar o comportamento do amálgama com as oclusivas /t,d/. Também de baixo favorecimento em P2 são as líquidas, divididas em dois fatores em P1, a saber, *tepe* e /l,m/. Nesse caso, amalgamadas com nasais, apresentam de modo geral resultados concordantes nos dois estudos, exceção feita ao peso relativo um pouco acima de 0,50 apresentado pelos fronteiriços em P1, o que se pode deduzir ser causado pelo amálgama com nasais, as quais, em P2, apresentam peso relativo indicativo de favorecimento. Velares e palatais surgem como as mais favorecedoras ao alçamento em P1, o que se pode depreender também como resultado concordante em P2, já que o fator *outros* congrega tais segmentos assim como também as obstruintes.

GRÁFICO 4. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* em P1 e P2: vogal /e/

As pesquisas de Roveda (1998) (doravante P3) e Vieira (2002) (doravante P4) sobre a elevação das vogais médias consideram amostras provenientes do banco Varsul, referentes à década de 90. Como é possível observar no Quadro 04 a seguir, os informantes considerados nas duas pesquisas dividem-se praticamente entre as mesmas

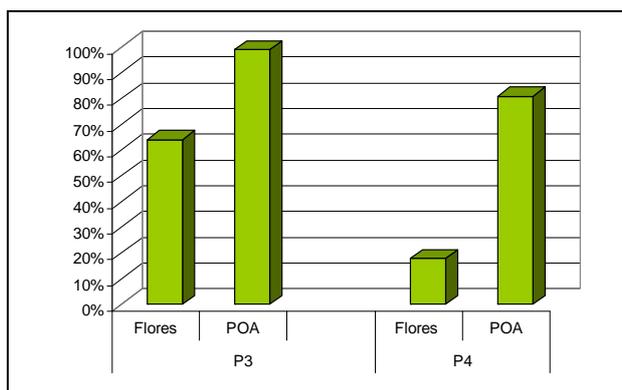
faixas etárias e de escolaridade. Por outro lado, enquanto P4 considera conjuntamente os dados de 12 cidades da região Sul do país (todo o banco Varsul), P3 analisa os dados da amostra do Rio Grande do Sul referentes à capital Porto Alegre (POA) e à cidade de colonização italiana, Flores da Cunha (FCUN); da amostra Santa Catarina do banco de dados Varsul, são considerados os dados das cidades de Chapecó (CHA) e Florianópolis (FLO), a primeira também de colonização italiana. Desse modo, apenas quatro amostras do banco terão seus resultados reanalisados por P4, ou seja, Porto Alegre, Flores da Cunha, Florianópolis e Chapecó.

QUADRO 4. Características das amostras P3 e P4

<i>Estado</i>	<i>Autor/ Ano</i>	<i>Cidades</i>	<i>Total de Inf. e Total de Dados</i>	<i>Faixa Etária</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Etnia</i>
RS e SC	P3 Roveda (1998)	POA-12 FCUN-12 FLO-12 CHA-12	48 inf /o/ 9.369 /e/ 4.523	25-50 51 +	até 04 anos 05-08 anos 09-12 anos	Masc . Fem.	açorianos italianos
RS	P4 Vieira (2002)	POA - 8 SBO - 8 FCUN - 8 PAN - 8 FLO - 8 BLU - 8 LAG - 8 CHA - 8 CUR - 8 LON - 8 PAB - 8 IR - 8	96 inf. /o/ 1.304 /e/ 1.151	Até 50 51 +	até 04 anos + 04 anos	—	açorianos italianos alemães fronteiriços eslavos

A principal diferença entre P3 e P4 em relação aos trabalhos anteriores, P1 e P2, reside na forma de organização dos dados: enquanto as primeiras pesquisas consideram conjuntamente postônicas finais e não-finais, em P3 o levantamento de ocorrências leva em conta apenas a posição final e, em P4, a posição final e não-final, separadamente.

Os resultados de aplicação por localidade para a vogal /e/, única possibilidade de comparação por conta da seleção efetuada pelo programa, indicam, no Gráfico 5 a seguir, que tanto P3 quanto P4 concordam com relação à preferência pela elevação demonstrada pela capital.

GRÁFICO 5. Elevação da postônica e vogal /e/: resultados de P3 e P4²

A observação da composição e do comportamento das variáveis linguísticas consideradas nos dois estudos, conforme indica o Quadro 5 a seguir, indica que, para as vogais /e/ e /o/ em posição final, são apontadas em comum como possíveis condicionadores as variáveis *Tipo de Coda*, *Contexto Precedente*, *Classe de Palavras* e *Contexto Vocálico*.

Das variáveis em comum, mostram-se estatisticamente relevantes em P3 o *Contexto Precedente*, *Classe de Palavras*, *Tipo de Sílabas* e *Contexto Vocálico*. Dessas, em P4 mostram-se relevantes somente *Contexto Precedente*, *Contexto Vocálico* e *Tipo de Sílabas*.

QUADRO 5. Elevação da Postônica e variáveis independentes linguísticas: P3 e P4

	Tipo de Coda	Cont. Preced.	Juntura	Classe de Palavras	Cont. Vocal.	Localização da Postônica na Palavra	Tipo de Sílabas
P3							
P4							

Tais resultados conduzem à questão: as diferenças obtidas nos resultados seriam consequência das estratégias analíticas, ou seja, da seleção e composição de variáveis adotadas ou realmente refletem regras variáveis com comportamentos distintos? Com relação ao contexto precedente à vogal /e/ em posição postônica final, a primeira alternativa parece ser a resposta.

Em P4, a variável *Contexto Precedente* é composta por apenas quatro fatores, três representando os traços comuns a consoantes e vogais - dorsal, labial e coronal - e um quarto fator específico para os contextos /s,z/. Em P3, diferentemente, os fatores são em número de quatro: as vogais constituem um fator; coronais são divididas em alveolares e em palatais, as quais são amalgamadas com dorsais³.

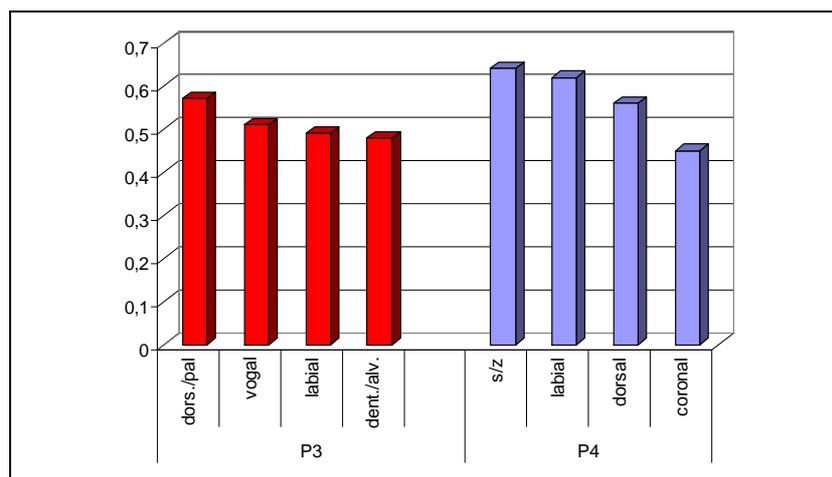
Os resultados, reorganizados no Gráfico 6 adiante, indicam que, enquanto em P3 são as dorsais e palatais, reunidas em um mesmo fator, as favorecedoras, em P4 as dorsais

² Os percentuais baixos apresentados por Flores da Cunha em P4 são consequência da diferença de totais dos fatores nas pesquisas: em P3 há 1.145 ocorrências e em P4, 115.

³ O amálgama justifica-se, no caso em questão, pelo pequeno número de ocorrências.

mostram-se ao redor do ponto neutro e fortemente influenciadas, como afirma a autora, pela variável *Região*, já que o peso relativo do fator tende a cair mais quando da interação em níveis do *step up* com tal variável. As sibilantes /s,z/, ao lado das labiais, mostram-se em P4 como as maiores favorecedoras, o que não é possível depreender em P3, já que /s,z/ estão reunidas no fator *dental/alveolar*, e as labiais, o único fator diretamente comparável entre os dois estudos, apresentam-se abaixo do ponto neutro⁴.

GRÁFICO 6. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* para a vogal /e/: resultados de P3 e P4



Com relação à variável que controla a presença de vogal alta na palavra (identificada no trabalho como *Presença da Vogal Alta*), observa-se sua relevância em P3 apenas para a vogal /o/, com resultados bastante próximos ao ponto neutro. Até mesmo quando são considerados os dados apenas das regiões italianas, ou seja, as que menos produzem elevação, novamente o papel estatístico significativo da variável se faz presente.

Já em P4, a presença dessa variável (identificada como *Contexto Vocálico*) mostra-se relevante tanto para /e/ quanto para /o/. Com relação especificamente à vogal /e/, é possível verificar claramente que, nas regiões caracterizadas por taxas baixas de elevação da vogal, Flores da Cunha, Chapecó, Irati e Panambi, as duas primeiras também observadas em P3, há maior polarização entre os resultados relativos ao efeito da presença de vogal alta e à ausência de vogal alta para o alçamento (peso relativo de 0,78 x peso relativo de 0,41). Segundo Vieira (2002, p. 156), nas cidades onde os falantes aplicam pouco a regra de elevação, a presença ou não de uma vogal alta adjacente à vogal média passa a ter um papel importante no seu comportamento, conduzindo, assim, à conclusão, defendida pela autora, de que a regra de neutralização estaria em um estágio bastante inicial nessas cidades.

Para a variável *Tipo de Coda*, os resultados de P3 e de P4 assemelham-se, embora a constituição das variáveis seja diferente nos estudos: em P3, as codas soantes são divididas e, em P4, são tratadas conjuntamente. Ambos os trabalhos apontam a coda /S/ como o contexto favorecedor tanto para /e/ final quanto para /o/ final.

⁴ O fator *vogal* não é computado nos resultados de P4.

A quinta pesquisa referente especificamente à postônica final no Rio Grande do Sul, a de Carniato (2000) (doravante P5), permite, ainda, refletir sobre a questão da *regularidade*. A autora parte de uma amostra originada a partir de coleta pessoal, realizada no modo *entrevista livre*. Os dados referem-se a Santa Vitória do Palmar-RS, região fronteira, e são representativos da fala não só de adultos e idosos, como nos outros trabalhos, mas também de pré-adolescentes e adolescentes.

Com relação às estratégias analíticas, observa-se que, nesse estudo, vogal /e/ e vogal /o/ são tratadas separadamente, assim como nos outros trabalhos. O Quadro 6 a seguir indica que variáveis linguísticas como *Tipo de Coda*, *Contexto Precedente*, *Classe de Palavras* e *Contiguidade Vocálica* são também exploradas em P5, assim como em P3 e em P4.

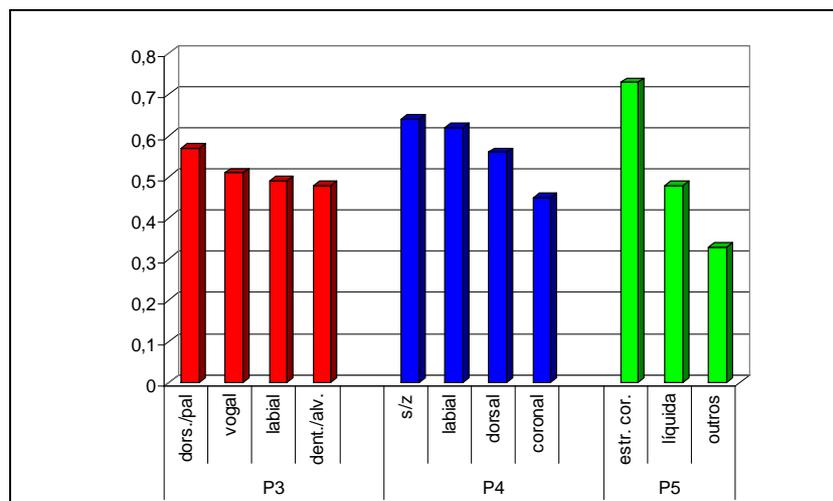
QUADRO 6. Elevação da postônica e variáveis independentes linguísticas: P3, P4 e P5

	Tipo de Coda	Cont. Preced.	Cont. Seguinte	Juntura	Classe de Palavras	Cont. Vocal.	Localização da Postônica na Palavra
P3							
P4							
P5							

Apesar de as características da amostra de P5 a distanciarem de P3 e de P4, o que já seria, em uma primeira aproximação, um indício de que seus resultados pudessem ser de fato não comparáveis, examinaremos aqui a composição e o comportamento da variável *Contexto Precedente*.

O Gráfico 7 a seguir indica que, em P5, a variável é composta por três fatores, sendo estridente coronal o que mais favorece o alçamento de /e/. Apesar das características não correspondentes entre os falantes que compõem a amostra e do diferente arranjo de fatores, conforme o indicado no gráfico adiante, observa-se que é possível relacionar os resultados de favorecimento ao alçamento entre P4 e P5 com relação ao comportamento do fator /s,z/ e do fator *estridentes coronais*. Embora P3 não ofereça possibilidade de acesso ao comportamento especial demonstrado por /s,z/, reunido a outros segmentos no fator *dentais/alveolares*, o peso relativo mais alto de favorecimento para dorsais amalgamadas com palatais confirma sutilmente o papel favorecedor das também estridentes coronais [ʃ,ʒ].

GRÁFICO 7. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* para a vogal /e/: resultados de P3, P4 e P5



Uma proposta de análise que leve em conta o português falado na fronteira entre o Brasil e o Uruguai poderia ser efetivada pela comparação entre os resultados de P5 (CAMINATO, 2000), coletados pela autora, e os resultados de P1 (SCHMITT, 1987), com dados do final da década de 70, o que talvez pudesse oferecer uma possibilidade de reflexão em tempo real.

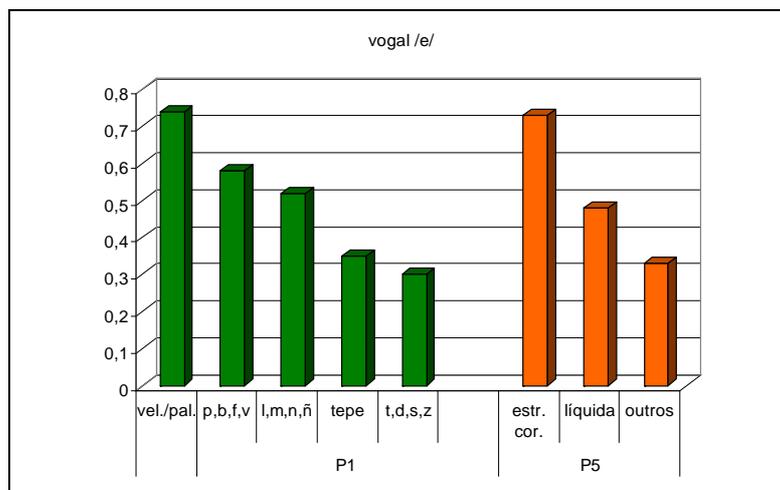
Para tanto, algumas informações, expostas no Quadro 7 a seguir, devem ser consideradas. De acordo com Espiga (1997), Santa Vitória do Palmar constitui uma variedade própria do chamado português de fronteira devido à maior exposição à influência do espanhol uruguaio. Além disso, a análise da faixa etária considerada nos trabalhos pode indicar que, enquanto os informantes de P1 apresentam vernáculo estabilizado (adultos entre 25 e 55 anos), entre os falantes de P5 estão os que ainda podem não ter atingido esse estágio (pré-adolescentes). Quanto à organização dos dados da amostra, tem-se postônicas finais e não-finais computadas conjuntamente em P1, o que não acontece em P5.

QUADRO 7. Características da amostra: Schmitt (1987) e Caminato (2000)

Schmitt (1987) – P1	Caminato (2000) – P5
Santana do Livramento- fronteira Uruguai	Santa Vitória do Palmar – fronteira Uruguai
Informantes entre 25-55 anos	Informantes pré-adolescentes, adultos e idosos
Postônica final e postônica não-final	Postônica final

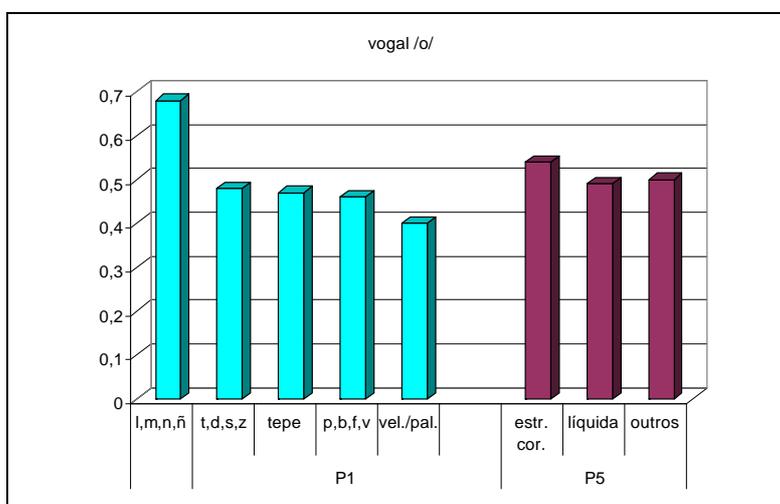
A observação dos resultados referentes ao alçamento da vogal /e/ quanto ao comportamento da variável *Contexto Precedente*, exposto no Gráfico 8 a seguir, indica que em P1 é clara a tendência favorecedora dos contextos [+ alto] (velares e palatais), resultado esse não diretamente apontado em P5, já que o fator *estridente coronal*, o de maior peso relativo na variável, agrega não só as fricativas [+ alto], mas também /s,z/ que não compartilham o traço. Esses segmentos mostram-se em P1 enfraquecidos, talvez pelo amálgama com as oclusivas /t/d/ ou talvez pelo próprio papel pouco favorecedor que apenas se somou ao das oclusivas em questão. Por outro lado, as líquidas, em P1 amalgamadas com as nasais, mostram-se pouco influentes tanto na amostra do final dos anos 70 quanto na amostra de 2000.

GRÁFICO 8. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* para a vogal /e/: resultados de P1 e P5



Quando à vogal /o/, observam-se resultados bem mais distantes entre P1 e P5. As líquidas, menos o tepe, amalgamadas às nasais, são nitidamente o contexto preferido pela vogal em P1. Já em P5 mostram-se ao redor do ponto neutro, assim como os outros fatores da variável.

GRÁFICO 9. Elevação da postônica e *Contexto Precedente* para a vogal /o/: resultados de P1 e P5



Podemos interpretar esse resultado como consequência do fato de que, sendo a vogal /o/ mais suscetível ao alçamento em relação à vogal /e/, o contexto precedente parece estar perdendo sua força condicionadora na regra variável de alçamento da vogal /o/ na região de fronteira, onde as taxas de alçamento não são tão elevadas quanto na região metropolitana. Desse modo, supõe-se que o contexto precedente exerceria seu papel de maneira mais efetiva apenas quanto à vogal /e/. Daí a diferença de resultados entre as duas amostras de fronteira.

Na ausência de mais argumentos para a defesa da situação de mudança, outra possibilidade de interpretação deve ser considerada. Nesse caso, propomos que há

diferenças consideráveis entre P1 e P5, de forma que, como comprova Vieira (2002) ao tratar de amostra referente a todo o banco Varsul, aqui referida como P4, o papel do *Contexto Precedente* não é o mesmo para a vogal /o/ em posição postônica final e não-final: enquanto na posição final não se mostra relevante, na posição não-final seu alçamento é condicionado pelas consoantes labiais. Consequentemente, os resultados de P1, que consideram conjuntamente postônicas finais e não-finais, escondem, de certo modo, esse condicionamento específico.

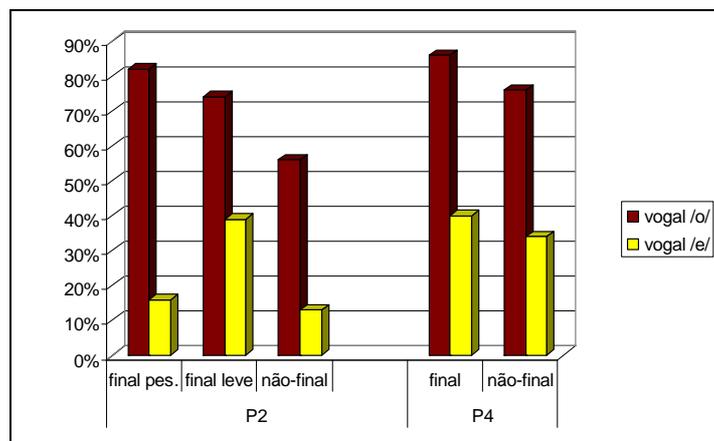
Argumentos em favor da hipótese de que a postônica /o/ possa ter um condicionamento particular na variedade fronteira podem vir do fato de que variáveis linguísticas relevantes e com resultados consistentes em estudos que apresentam dados de fronteira, como Vieira (1994) (P2) e Vieira (2002) (P4), não foram selecionadas em P5 assim como também não foram em P1, em que os resultados para as vogais são considerados por região.

Do ponto de vista fonológico, conforme defendem Vieira (2002) e Carniato (2000), estaríamos diante de variedades do PB que, com relação à regra de alçamento da postônica, podem demonstrar (i) um comportamento mais próximo de uma regra de neutralização, típica de variedades em que o alçamento apresenta taxas elevadas ou para /e/ ou para /o/ ou para ambas as vogais ou (ii) um comportamento mais próximo de uma regra fonética, típica de variedades em que a aplicação é baixa ou para /e/ ou para /o/ ou para ambas as vogais. Nesse caso, o gatilho da regra pode ser tanto as consoantes precedentes [+alto] quanto a vogal alta presente na palavra. É o caso de P5, que considera a amostra de fronteira de Santa Vitória do Palmar, pela importância da variável *Contexto Precedente*, e de P3, que abrange a região de colonização italiana do Rio Grande do Sul e a de Santa Catarina.

Com relação à postônica não-final, apenas P2 e P4, ambas realizadas por Vieira (1994 e 2002, respectivamente), parecem ser diretamente comparáveis. O que justifica tal afirmação, apesar das diferenças de época de coleta das amostras [uma do final da década de 70 e a outra, do banco Varsul, portanto dos anos 90] e de regiões consideradas, é a composição da variável *Posição da Sílab*a que permite observar os resultados para a postônica não-final separadamente.

Considerando a aplicação geral, expressa no Gráfico 10 a seguir, tem-se como resultado tanto em P2 quanto em P4 que postônicas finais alçam mais do que as não-finais e que tanto nas não-finais quanto nas finais, a vogal /o/ alça mais do que a vogal /e/.

GRÁFICO 10. Elevação da postônica final e não-final para a vogal /o/ e para a vogal /e/: resultados de P2 e P4



Sumariando, pode-se afirmar que, embora as discussões a respeito do comportamento da variável *Contexto Precedente* tenham sido o principal foco de observação neste estudo, também as variáveis *Classe de Palavra* e *Contexto Vocálico* mostram-se relevantes em todas as cinco pesquisas abordadas quanto ao alçamento da postônica. Com relação à última variável, exceção feita à P1, todos os outros estudos indicaram a importância estatística da presença de vogal alta na palavra para o alçamento da postônica. Com relação ao contexto que precede a vogal, apesar das diferentes estratégias analíticas adotadas nos trabalhos, como composição da variável e tipo de postônica considerada na computação de dados, os resultados parecem fortalecer o papel de /s,z/ e de contextos [+alto] para o alçamento de /e/. Quanto ao alçamento de /o/, não nos é possível sugerir uma generalização.

Quanto a questões referentes à origem dos dados e constituição da amostra, consideramos P1 e P2 como os trabalhos mais diretamente comparáveis. Tal fato torna segura a afirmação quanto aos resultados referentes à etnia, a saber, taxas mais elevadas de alçamento tanto de /e/ quanto de /o/ para alemães e fronteiriços e menores para italianos.

P3 e P4 distanciam-se quanto às estratégias analíticas, assim como também P5, que se aproxima de P1 quanto à região de coleta da amostra, mas afasta-se do mesmo trabalho com relação às características dos informantes e à constituição dos dados observados.

Com relação à vogal postônica não-final, em comparação às finais, os resultados considerados em P2 e P4 indicam que são as últimas mais suscetíveis ao alçamento e, com relação à qualidade vocálica das postônicas não-finais, a vogal /o/ tende a alçar mais do que a vogal /e/.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo constitui um exercício de reflexão sobre a relação entre o efeito das estratégias metodológicas adotadas para a condução de análise de *regra variável* e os resultados referentes aos fatores condicionantes obtidos.

Dos cinco trabalhos analisados foram extraídas informações a respeito da origem dos dados, da constituição das amostras e das estratégias analíticas, consideradas aqui basicamente como composição das variáveis e conjunto de dados considerados.

Verificou-se que a busca pela possibilidade de generalização de resultados sobre a postônica final em dados do Varsul contou com problemas principalmente de intersubjetividade, causados pelo fato de diferentes pesquisadores naturalmente terem adotado caminhos diversos para a composição de suas variáveis linguísticas.

Apesar da dificuldade de se conduzir esse tipo de investigação, que exige estudo detalhado dos trabalhos realizados sem a possibilidade de contato com os dados considerados, entendemos ser esse o principal caminho para que possamos saber até que ponto nossos resultados refletem de fato o comportamento de nossos informantes ou até que ponto são consequência de como a pesquisa foi conduzida.

REFERÊNCIAS

BAILEY, G.; TILLERY, J. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOGHT, C. *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University, 2004. p. 11–30.

CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UCPel, Pelotas/RS, 2000.

ESPIGA, J. W. da R. *Influência do espanhol na variação da lateral posvocálica no português de fronteira*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UCPeL, Pelotas/RS, 1997.

ROVEDA, S.D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngües: português e italiano*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 1998.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 1987.

VIERA, M.J.B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 1994.